



Homens & Lobos

Da violência à oração

É de noite. Estamos nos montes da Parada do Outeiro, no que um dia virá a ser o Parque Nacional da Peneda-Gerês. Entre rochas e giestas, irrompe luz de archotes, o restolhar tenso da perseguição. Fazem-se ouvir os latidos dos cães, os gritos ocasionais com que os homens tentam assustar a presa. E arredar os seus terrores. De súbito, como que respondendo aos desafios dos cães, soa já perto o uivo dos bichos acossados – os caçadores encurrallaram não um lobo, mas dois. Ninguém se preocupa com o destino da cabra que fora usada com isco, presa dentro da armadilha, junto a um bebedouro – não fosse morrer de sede e antes do tempo. Chegando os homens ofegantes ao fojo, terão ainda de abrir a sua porta e entrar para liquidar os lobos. Amanhã haverá festa e sinos a repicar na aldeia.

Foi assim. Em 1917, um fojo “de cabrita” português foi pela última vez palco da morte de lobos-ibéricos. Já na década de 1980, um outro, perto de Arcos de Valdevez, foi restaurado e posto de novo ao serviço desta funesta causa; mas os lobos tiveram o bom senso de se manter longe.

Estes fojos eram armadilhas circulares construídas para facilitar a entrada do predador e impossibilitar a sua saída – a altura das suas paredes encimadas por lajes salientes podia chegar aos três metros; o seu diâmetro aos 70. São um quase exclusivo mundial do Norte da Península Ibérica.

Para encontrarmos outros exemplos destas elaboradas e letais construções, temos de ir aos Himalaias indianos. Aqui chamam-se *shang-dong*, já que *shangku* significa “lobo” e *dong* “armadilha”. São buracos em forma de funil invertido e com três metros de profundidade – os lobos

atraídos pelo cheiro de carne deixada no fundo da armadilha caem e não conseguem dali fugir, sendo depois mortos à pedrada. Ainda são usados; há cerca de 350 nas zonas de Ladakh e Himachal Pradesh.

Mas quatro foram desmantelados há escassos meses. Isto após um processo de diálogo que durou dois anos, entre os aldeões e organizações preocupadas com a preservação dos lobos e de uma vítima colateral das armadilhas, o leopardo-das-neves. As armadilhas agora desativadas serão mantidas como monumentos; menos uma, que foi transformada em *stupa*, um santuário budista, após a consagração por um monge tido por santo. Aqui, a reverência que os seguidores de Buda prestam a todas as formas de vida foi o ponto de arranque para esta mudança – da matança para a meditação.

Note-se que mais de metade das famílias locais depende exclusivamente da venda de caxemira, o seu “ouro macio”. E as cabras que a produzem são por vezes vítimas de ataques de lobos. Mesmo assim, os seus criadores souberam adotar métodos de proteção menos violentos e o uso de seguros; passando também a ter nos seus produtos a certificação “Amigos dos Leopardos”, que aumenta os seus proventos.

Um exemplo distante, mas que pode estar tão perto da nossa experiência, dos nossos corações. Desde que saibamos aproveitar esta Quadra para substituir o ódio pela compreensão e pela coexistência.

Texto produzido no âmbito do Projeto LIFE Med-Wolf, cofinanciado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.